

# Leitura e produção de textos

---

## Unidade 4: Estratégias de leitura: como compreender textos

### Objetivos

- Conhecer e praticar algumas estratégias que podemos usar antes, durante e depois da leitura para uma compreensão mais eficaz de textos.

Nesta unidade, vamos conhecer e praticar diferentes estratégias de leitura que podemos usar para a compreensão de textos, com foco na **inferência**.

Existem várias formas de ler textos, dependendo do que estamos lendo e dos objetivos que temos com essa leitura.

Quando lemos um jornal ou um site de notícias pela manhã, por exemplo, folheamos as páginas do jornal ou rolamos a tela para baixo, passando pelos títulos das notícias de forma superficial, até encontrar alguma matéria que nos interesse. Nesse caso, fazemos o que se chama de leitura **top-down** (do todo para as partes).

Quando lemos um contrato de compra e venda de algum bem ou produto que estamos adquirindo, ou realizamos a leitura do nosso material a fim de estudar para uma prova da universidade, nossa leitura já é bem diferente: lemos o documento do início ao fim, palavra por palavra, muitas vezes voltando a um mesmo trecho para ter certeza de que o compreendemos. Nesse caso, fazemos o que se chama de leitura **bottom-up** (das partes para o todo).

Acontece que, dependendo do que estamos lendo e do objetivo que temos com essa leitura, usamos diferentes **estratégias de leitura**. E, se a leitura permite diferentes estratégias, isso significa que ela não é um mero processo de decodificação.

Observe o seguinte exemplo de enigma linguístico:

Nõa imortpa a oderm d as ltreas drtneo da pvarala,  
bsata que a pmrreira e a úmtila etjasem no lguar  
crteo praa que vcoê enednta o que etsá ertiso.

Da mesma forma, É F4C1L L3R 357A M3N5AG3M  
S3M P3NS4R MU170.

Fonte: D'Ornelas (2012, texto digital).

Como é dito na própria mensagem, é possível ler o que está escrito mesmo que as letras estejam trocadas, desde que a primeira e a última letra de cada palavra estejam no lugar certo. Mas, mesmo sendo possível, essa leitura exige um esforço por parte do leitor – um esforço que ultrapassa a mera decodificação.

Vamos observar o que fazemos para compreender essa mensagem. Em primeiro lugar, prestamos atenção nas **pistas**: em uma pré-leitura, numa rápida passada de olhos, já percebemos que as palavras da mensagem estão estranhas, diferentes, e que precisaremos decifrar um “enigma”. Em seguida, nos damos conta do padrão do enigma a ser decifrado: trata-se de palavras da língua portuguesa com algumas letras fora de lugar; basta tentar deduzir quais são as palavras, imaginando as letras em seus devidos lugares.

Para fazermos isso, lançamos mão de nossos **conhecimentos prévios**: conhecemos todas as palavras da mensagem, já as vimos por escrito e sabemos como são escritas. Sem esse conhecimento prévio, provavelmente a tarefa de decifrar o enigma não seria tão fácil. Se o mesmo enigma fosse apresentado a uma criança em fase de alfabetização, por exemplo, ela provavelmente teria mais dificuldade, ou poderia, até mesmo, ler a mensagem literalmente como está escrita, com as letras trocadas, por ainda não estar familiarizada com a forma como essas palavras são escritas.

Quando prestamos atenção em pistas e as relacionamos com nossos conhecimentos prévios para compreender algo, estamos usando a estratégia da **inferência**. Trata-se de uma estratégia de leitura que exige do leitor “processamentos cognitivos que manipulam pistas [...] com o objetivo de chegar à compreensão do texto” (PEREIRA, 2009, p. 14).

Grosso modo, podemos dizer que a inferência nos permite preencher as “lacunas” do texto. Para entender como isso funciona, vamos observar um exemplo de texto em que foram retiradas algumas palavras e, no lugar delas, há lacunas:

► **Acesse o Ambiente Virtual e interaja com o objeto *Gangster*.**

A última lacuna exige um pouco mais de esforço cognitivo do leitor, pois é a única que permite várias possibilidades de preenchimento: mais de uma palavra faria sentido nesse espaço, considerando a compreensão do restante do texto. A palavra poderia ser “balas”, pela associação que fazemos, a partir de nossos conhecimentos prévios, com as palavras “metralhadora” e “atirar”, o que combinaria com a compreensão do que foi narrado na história: o sexto *gangster* não pôde atirar como os outros, pois não havia mais balas. A palavra também poderia ser “policiais”, o que também combinaria com a compreensão da narrativa: o sexto *gangster* não fez nada porque não precisava mais atirar, já que não havia mais policiais para serem alvo dos tiros.

Para deduzir a palavra que originalmente preenche a última lacuna (“vogais”), precisamos prestar mais atenção às pistas fornecidas no texto. Repare que, em cada parágrafo, os tiros de metralhadora disparados por cada *gangster* são re-

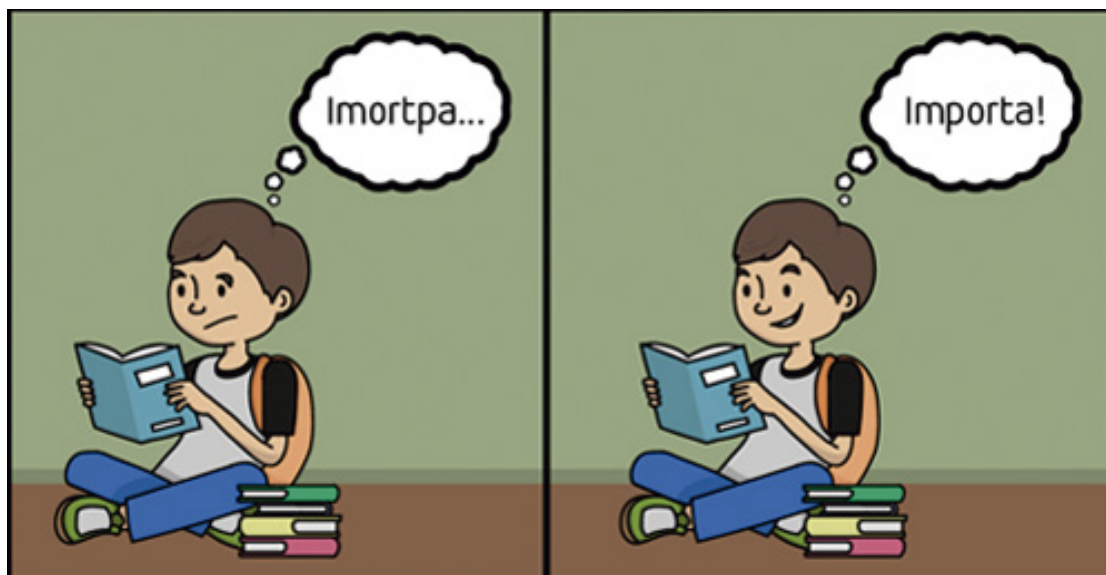
## Unidade 4

presentados com uma vogal diferente: no primeiro temos “bang bang”, no segundo “beng beng”, no terceiro “bing bing”, no quarto “bong bong” e no quinto “bung bung”, correspondendo a cinco *gangsters*. Dessa forma, podemos deduzir que, como sabemos que não há mais que cinco vogais, os tiros do sexto *gangster* não têm como ser representados, e por isso esse último *gangster* ficou completamente impassível e não atirou.

Nesse momento, captamos o absurdo da história e percebemos seu tom humorístico. E justamente essa é a cartada final, que nos faz decifrar a charada e compreender completamente o texto: mesmo com todas as lacunas preenchidas, precisamos entender por que a última palavra é “vogais”, e isso nos faz compreender o texto, o que inclui sua intencionalidade (humor).

Percorremos um caminho parecido quando tentamos decifrar o enigma do texto cujas letras estavam embaralhadas. Nesse texto, também há várias lacunas, mesmo que elas não se manifestem por meio de espaços em branco ou em preto: em cada palavra (como na palavra “imortpa”, por exemplo), há letras estranhas no lugar em que deveriam estar as letras certas. Cabe a nós, leitores, portanto, a tarefa de preencher essas lacunas (ou seja, decifrar qual é a letra que deveria estar em cada local em que aparece uma letra estranha, fora de lugar).

É possível dizer, então, que sempre que compreendemos algo, estamos usando a estratégia da inferência – e, de alguma forma, precisamos preencher “lacunas”:



Fonte: Univates (2018).

Mas e quando estamos diante de textos “normais” (que não têm as letras trocadas, nem palavras propositalmente escondidas)? E quanto aos textos com os quais nos deparamos em nosso dia a dia, textos autênticos, que não foram propositalmente formulados para serem enigmas? Também precisamos da estratégia da inferência para compreender esses textos? Também há lacunas para serem preenchidas?

## Estratégias de leitura

Vamos experimentar fazer a leitura de alguns textos para verificar de quais estratégias de leitura vamos precisar para sua compreensão. Observe o seguinte texto: [Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores](#).

Qual será a melhor estratégia para ler esse texto? Uma estratégia poderia ser começar a ler o texto palavra por palavra (leitura *bottom-up*) para tentar compreendê-lo. Porém, essa estratégia é mais interessante para quando já fizemos uma ou mais leituras do texto e já o compreendemos. Quando ainda não lemos o texto e não o compreendemos, é mais eficaz fazer a leitura *top-down*, começando pela pré-leitura.

Isabel Solé, em seu livro *Estratégias de leitura* (1998), divide em três momentos as estratégias que usamos ao ler um texto:

Antes da leitura	Durante a leitura	Depois da leitura
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar as pistas em torno do texto;</li> <li>- Criar hipóteses (previsões) sobre o texto;</li> <li>- Ativar conhecimentos prévios.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar as hipóteses criadas na pré-leitura;</li> <li>- Auto monitorar-se;</li> <li>- Criar novas hipóteses.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser capaz de dizer qual é a ideia principal do texto;</li> <li>- Ser capaz de resumir (sumariar e parafrasear) o texto.</li> </ul>

Fonte: Adaptado pela Univates, com base em Solé (1998).

A pré-leitura é o que fazemos antes da leitura. No caso do texto que estamos tentando compreender, vamos começar observando as pistas em torno dele.

Uma das primeiras pistas a observarmos é o título do texto: *Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores*. A partir desse título, podemos verificar nossos conhecimentos prévios sobre suas palavras e elaborar hipóteses sobre o que o texto provavelmente vai abordar. Podemos deduzir, a partir das palavras “síndrome”, “estudo” e “epidemiológico”, que o texto provavelmente vai falar sobre um estudo que pesquisou uma determinada síndrome, e que esse estudo foi epidemiológico. A síndrome em questão é denominada “síndrome de *burnout*”, o que provavelmente vai ser explicado ao longo do texto. O título também nos informa que o estudo foi feito com professores e que investigou os fatores associados a essa síndrome.

Mas há várias outras pistas, além do título, que nos auxiliam a criar mais hipóteses. Podemos ver que o texto foi escrito por duas autoras: Mary Sandra Carlotto e

Lílian dos Santos Palazzo. Logo ao lado do nome delas, consta o número 1, indicando uma nota explicativa, que aparece na margem esquerda da página, com informações sobre as autoras: o nome de uma universidade e um endereço para correspondência. Provavelmente essa é a universidade em que elas trabalham ou estudam.

Também percebemos que, no canto superior direito da primeira página, há a expressão “Artigo”. Podemos deduzir que tipo de artigo é esse quando observamos o que aparece no canto inferior direito da página:

ARTIGO ARTICLE 1017

### Síndrome de *burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores

Factors associated with burnout's syndrome:  
an epidemiological study of teachers

Mary Sandra Carlotto <sup>1</sup>  
Lílian dos Santos Palazzo <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Luterana  
do Brasil, Canoas, Brasil.

**Correspondência**  
M. S. Carlotto  
Universidade Luterana  
do Brasil.  
Av. Farroupilha 8001,  
Canoas, RS  
22031-200, Brasil.  
mscarlotto@superig.com.br

#### Abstract

*This article presents the results of an epidemiological study on burnout syndrome among private school teachers in Greater Metropolitan Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, testing possible associations with demographic, work-related, and stress-related variables. The target population consisted of 217 teachers, of whom 190 participated (87.5%). The Maslach Burnout Inventory (MBI) was used to measure burnout, together with a questionnaire to record the other variables. The results showed that teachers have a low score in the three dimensions comprising burnout: emotional exhaustion, depersonalization, and decreased personal fulfillment at work. Demographic variables did not show any association with burnout, while occupational variables, workload, and number of students were associated with emotional exhaustion. Bad conduct by students, family expectations, and limited participation in institutional decisions were the stress factors associated with burnout.*

*Professional Burnout; Stress; Occupational Health*

#### Introdução

A estrutura social vigente, que privilegia as leis do mercado, também se vê refletida no âmbito educacional, sendo a escola avaliada a partir de parâmetros de produtividade e eficiência empresarial <sup>1</sup>. Nesse contexto, os professores, como trabalhadores, passaram a preocupar-se não só com suas funções docentes, mas também com questões baseadas no paradigma da civilização industrial, isto é, sua estabilidade e salário.

No atual modelo, muitas são as atribuições impostas ao professor, aparte de seu interesse e, muitas vezes, de sua carga horária. Além das classes, deve fazer trabalhos administrativos, planejar, reciclar-se, investigar, orientar alunos e atender aos pais. Também deve organizar atividades extra-escolares, participar de reuniões de coordenação, seminários, conselhos de classe, efetuar processos de recuperação, preenchimento de relatórios periódicos e individuais e, muitas vezes, cuidar do patrimônio material, recreios e locais de refeições. Entretanto, é excluído das decisões institucionais, das reestruturações curriculares, do repensar da escola, sendo concebido como mero executor de propostas e idéias elaboradas por outros. Com isso, estabelece-se uma tendência ao trabalho individualista, que não permite ao professor confrontar e transformar os aspectos estruturais de seu trabalho. Essa intensificação do fa-

Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 22(5):1017-1026, mai, 2006



Para compreendermos essa informação, precisamos ativar nossos conhecimentos prévios, e isso é mais fácil para quem está acostumado a ler artigos como esse. Essa informação indica que o artigo em questão se trata de uma publicação científica: foi publicado na revista científica *Cadernos de Saúde Pública*, do Rio de Janeiro, em maio de 2006, no volume 22 e número 5 da revista, ocupando as páginas 1017 até 1026 dessa edição.

Sabendo que se trata de um artigo científico, agora fazem mais sentido as outras pistas:

- o fato de, logo abaixo do título em português, aparecer também o título em inglês do artigo;
- o fato de haver uma seção chamada “Abstract” logo no início, contendo o resumo em inglês do artigo (a seção contendo o resumo em português está na penúltima página do artigo, antes da seção de referências bibliográficas);
- o fato de o artigo ser dividido em seções informando os passos da pesquisa científica realizada (Introdução, Método, Resultados e Discussão);
- o fato de o artigo conter tabelas e gráficos, além de diversas referências bibliográficas.

A partir de todas essas pistas, podemos reformular nossas hipóteses: esse artigo científico pretende relatar uma pesquisa, feita por suas próprias autoras, que investigou a síndrome de *burnout* em professores por meio de um estudo epidemiológico, considerando os fatores associados à síndrome; no artigo, as autoras vão informar qual foi o objetivo da pesquisa, como ela foi realizada e quais foram os resultados alcançados, bem como o que esses resultados significam, como eles podem ser interpretados. Provavelmente ele vai explicar para o leitor o que é a síndrome de *burnout* e relacionar as características dessa síndrome com os fatores ligados à profissão de professor.

Repare que, apenas com a pré-leitura, já conseguimos inferir muito sobre o texto que vamos ler. O fato de, a partir da observação das pistas e da ativação de nossos conhecimentos prévios, deduzirmos qual é o **gênero** desse texto – artigo científico – teve papel fundamental na formulação das hipóteses (previsões) sobre o seu conteúdo, possibilitando-nos iniciar sua compreensão antes mesmo de embarcar em sua leitura.

Feita a pré-leitura, o próximo passo é começar a ler o texto palavra por palavra. Mas esse momento “durante a leitura” também é estratégico.

Em primeiro lugar, porque continua ligado aos nossos objetivos de leitura. Por exemplo, se quisermos apenas saber como a pesquisa foi realizada, podemos ler a seção “Método”. Se pretendemos entender somente qual foi o objetivo da pesquisa, podemos ler a Introdução. Já se nos interessa apenas saber o que a pesquisa desco-

briu, podemos nos deter nas seções “Resultados” e “Discussão”. E, para qualquer um desses objetivos, podemos optar por ler exclusivamente o resumo do artigo, e só ler o artigo propriamente dito se nos interessarmos pelo que ele diz em seu resumo.

Em segundo lugar, porque está totalmente ligado às hipóteses que criamos na pré-leitura, afinal uma das estratégias que vamos usar nesse momento durante a leitura será verificar se nossas hipóteses se confirmam ou não.

Em terceiro lugar, porque, além de verificar as hipóteses criadas na pré-leitura, vamos criar novas hipóteses a cada trecho lido. O trecho “Método”, por exemplo: antes de ler essa seção, vamos formular hipóteses (quantos professores será que as autoras investigaram? Como elas fizeram essa investigação? Será que elas entrevistaram os professores? Como elas mediram os fatores relacionados à síndrome de *burnout*? Etc.), e, à medida que a lemos, vamos verificando cada uma dessas hipóteses. Nesse momento durante a leitura, é como se estivéssemos **dialogando** com o texto: fazemos perguntas para ele, ele nos responde, e a cada novo trecho elaboramos novas perguntas.

Além disso, outra estratégia usada durante a leitura é o automonitoramento: se nos deparamos com algum trecho que não compreendemos, precisamos fazer algo a respeito. Ler de novo o trecho? Procurar no dicionário o significado de palavras que não entendemos? Procurar no texto algum outro trecho que possa nos ajudar a decifrar esse que está nos deixando com dúvidas?

No primeiro enigma, por exemplo, precisamos usar a estratégia do automonitoramento quando nos deparamos com a última frase:

Da mesma forma, É F4C1L L3R 357A M3N5AG3M S3M P3NS4R MU170.

As frases anteriores a essa estavam seguindo um padrão: as letras de cada palavra estavam trocadas, de modo que, para decifrar as palavras, bastava trocar as letras de lugar. Essa última frase, porém, inicia com palavras escritas da forma tradicional (“Da mesma forma”), e logo em seguida apresenta palavras que não estão com as letras trocadas, mas sim com números no lugar de algumas letras. Nesse momento, precisamos nos automonitorar e mudar a estratégia que estávamos adotando até então: em vez de trocar as letras de lugar, precisamos decifrar quais letras estão sendo representadas por quais números.

Ou seja, todo esse processo de pré-leitura e leitura é estratégico e envolve, o tempo inteiro, a estratégia da **inferência**. Por isso, é possível dizer que, independentemente do texto com o qual nos deparamos, sua compreensão sempre será um enigma para nós: sempre vai envolver “lacunas” a serem preenchidas, trechos a serem decifrados, por meio da constante observação das pistas e da ativação de nossos conhecimentos prévios.



Após todo esse processo de pré-leitura e leitura, chegamos, enfim, ao momento “depois da leitura”, que envolve as seguintes habilidades:

- ser capaz de dizer qual é a ideia principal do texto;
- ser capaz de resumir (sumarizar e parafrasear) o texto.

É importante observar que as estratégias usadas antes e durante a leitura não “brotam” espontaneamente no sujeito que lê; é preciso que ele as conheça e as pratique até que possa usá-las no “piloto-automático”. E, quanto mais ele souber usar essas estratégias, mais eficaz será sua leitura, e, portanto, com mais êxito vai dar conta do momento pós-leitura.

Quanto à habilidade de identificar a ideia principal do texto, esta costuma ser solicitada em provas, tanto na escola quanto em concursos, como o vestibular, para verificar se o aluno de fato compreendeu o texto que leu. Porém, entre tantas ideias apresentadas em um texto, como identificar qual é sua ideia principal, aquela que expressa a essência do que o texto quer dizer? Como diferenciar essa ideia das ideias secundárias do texto? Como saber quais ideias são essenciais e quais são secundárias?

A solução para essas questões pode estar justamente nas etapas de pré-leitura e leitura. Lembre-se de que, na pré-leitura, quando identificamos o gênero do texto que vamos ler, isso já direciona totalmente nossa formulação de hipóteses e, portanto, já é meio caminho andado para a sua compreensão. Isso porque, quando sabemos qual é o gênero, reconhecemos a situação de comunicação por trás do texto e a provável intenção de nosso interlocutor, ou seja, o que ele quer **fazer** com seu texto.

O artigo científico, por exemplo, é um gênero usado em uma determinada situação de comunicação (divulgação de pesquisas recentes em periódicos científicos), e a pessoa que escreve esse texto é um pesquisador que pretende, por meio do artigo, divulgar sua pesquisa para seus pares (outros pesquisadores como ele), relatando qual é o objetivo da pesquisa, como ela foi realizada e a quais resultados chegou.

Quando, por meio de pistas, identificamos um texto como sendo pertencente ao gênero “artigo científico”, isso já nos diz praticamente tudo que precisamos saber para compreender esse texto, pois sabemos que todos aqueles elementos previstos vão estar lá; basta, durante a leitura, verificar como eles aparecem.

Mas, além de sabermos quais elementos vão aparecer no artigo, sabemos também, de antemão, como identificar sua **ideia principal**. Isso porque a ideia principal de um texto está totalmente ligada a seu gênero – e, portanto, à intenção do interlocutor, ao que ele quer **fazer** com seu texto. O artigo científico sempre tem como objetivo divulgar uma pesquisa para outros pesquisadores, relatando como a pesquisa foi feita e a quais resultados chegou. A ideia principal do artigo científico, portanto,

## Unidade 4

é justamente essa: qual foi a pesquisa realizada, o que ela pretendeu investigar, como ela foi realizada e o que ela descobriu. É por isso que são justamente essas as informações que constam no resumo do artigo (que pode ser conferido, geralmente, em sua página inicial).

Por isso, a pista mais importante para indicar qual é a ideia principal de um texto é seu **gênero**. É preciso não confundir a **ideia principal** de um texto com o seu **tema**. O tema é o assunto do texto; geralmente é expresso por meio de uma palavra (ou um pequeno conjunto de palavras), respondendo à pergunta “de que trata o texto?” (SOLÉ, 1998, p. 135). A ideia principal, por sua vez, é o enunciado mais importante do texto, capaz de resumir o que ele quis dizer. É expressa por meio de uma frase completa, respondendo à pergunta “qual é a ideia mais importante que o autor pretende explicar com relação ao tema?” (p. 135), e pode não estar expressa explicitamente no texto.

Dessa forma, vários textos podem ter o mesmo tema, mas nem por isso sua ideia principal será a mesma. Por exemplo, observe o seguinte texto: [\*Educação básica: qualificação ou “burnout”?\*](#)

Ao fazer a pré-leitura desse texto, podemos observar, pelo título (*Educação básica: qualificação ou burnout?*), que ele parece tratar do mesmo tema do artigo lido anteriormente: a síndrome de burnout ligada a professores. Porém, se observarmos as outras pistas em torno do texto, veremos que seu gênero é diferente:

- o fato de ele estar publicado na seção “Opinião” do jornal Folha de São Paulo e ter sido escrito por um autor cuja opinião, conforme alertado após o texto, não traduz a opinião do jornal;
- a própria estrutura do texto (texto corrido, sem seções);
- o estilo de suas frases (“é preciso afastar...”).

Todas essas pistas indicam que se trata de um **artigo de opinião**. Se ativarmos nossos conhecimentos prévios, lembraremos que os artigos de opinião em geral são escritos com o objetivo de convencer ou persuadir o leitor, por meio de argumentos, a concordar com a opinião do autor. A partir de todas essas pistas e conhecimentos prévios, podemos deduzir que a ideia principal desse texto é a opinião defendida pelo autor. Durante a leitura, portanto, precisaremos identificar qual é essa opinião.



**Acesse o ambiente Virtual para realizar um desafio disponível.**

Nesta unidade, conhecemos algumas estratégias de leitura, destacando aspectos importantes sobre os diferentes momentos que fazem parte desse processo, ou seja, antes, durante e após a leitura. A principal estratégia explorada foi a inferência, essencial para a compreensão de textos.



### Atividade

---

Na atividade desta unidade, vamos explorar as diferentes estratégias de leitura que podemos usar para compreender textos. Para realizar a atividade, acesse o Ambiente Virtual.

### Referências

---

D'ORNELAS, Stephanie. Como seu cerebero pode ler itso? **HypeScience**, [S.I.], 12 fev. 2012. Disponível em: <https://hypescience.com/como-sue-cerbero-pedo-lre-itso/>. Acesso em 21 jan. 2021.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEREIRA, Vera W. Predição leitora e inferência. In: CAMPOS, Jorge (Org.). **Inferências Linguísticas nas Interfaces**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2009. E-book.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.